
SESSÕES DO PLENÁRIO

9ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 30 de abril de 2010.

PRESIDENTE: DEP. MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração à passagem do Dia Mundial do Trabalho proposta pelo deputado Álvaro Gomes, do PCdoB.

Convido para compor a Mesa o nobre deputado Álvaro Gomes; o Sr. Nilton Vasconcelos, Secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esportes, representando o governador Jaques Wagner; o Sr. Presidente da CTB-Ba, Adilson Araújo; a Srª Diretora do Sindicato dos Bancários, Graça Gomes, representando o presidente Euclides Fagundes; o Sr. Presidente do Sindicato dos Comerciantes de Salvador, Jaelson Dourado; o Sr. Presidente do Fetracom, José Nivaldo Souza Lima; o Sr. Presidente da Federação dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas da Bahia, Antônio Balbino; o Sr. Presidente da Federação dos Comerciantes da Bahia, Reginaldo Oliveira; o Sr. Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Candeias, Aurelino Bispo; e a Profª Petilda Vazquez, autora do livro *Momentos*. (Palmas)

Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, vou passar a condução dos trabalhos ao nosso querido deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queria agradecer a presença do presidente da Assembleia Legislativa deputado Marcelo Nilo que veio prestigiar este evento.

Neste momento, vou fazer as minhas considerações lembrando que, hoje, é um dia no qual estamos tendo uma certa dificuldade em função da paralisação dos trabalhadores em transportes coletivos do Estado da Bahia. Todo mundo sabe que quando param os transportes a situação na cidade fica bastante difícil.

Portanto temos aqui uma representatividade muito grande, mas essa representatividade seria bem maior não fosse essa dificuldade com a paralisação dos transportes coletivos de Salvador.

Neste momento eu vou fazer o meu pronunciamento.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o deputado Álvaro Gomes.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Queria saudar o secretário do Trabalho, nosso camarada Nilton Vasconcelos, representando o governador Jaques Wagner; o nosso companheiro Adilson Araújo, presidente da importante Central dos Trabalhadores e das Trabalhadoras do Brasil. É proposital, é reforçar a presença feminina: Trabalhadores e Trabalhadoras. Quero saudar também a nossa camarada Graça Gomes,

guerreira, militante de longas datas, representando o Euclides Fagundes, presidente do sindicato.

Temos também o companheiro Joelson Dourado que está aqui representando o Sindicato dos Comerciários, sindicato que tem se consolidado cada vez mais em defesa dos interesses dos trabalhadores; o nosso camarada José Nivalto que está aqui representando a Federação dos Trabalhadores da Construção Civil, segmento de grande importância. A expansão imobiliária de Salvador tem acontecido de uma forma muito veloz e, naturalmente, aumentado a exploração dos trabalhadores. Então cresce a importância da entidade em defesa dos interesses da categoria. Balbino, que cumpriu tarefas importantes em São Paulo, mas os baianos o resgataram, dizendo: volta Balbino! E ele retornou. Hoje ele preside a Federação dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas do Estado da Bahia. Nosso camarada Oliveira, conhecido por todos nós, militante sindical, vereador de destaque, cumprindo um mandato de grande importância para a cidade, representando a Federação dos Comerciários do Estado da Bahia. Portanto, queremos saudar o nosso camarada Oliveira.

Saudar também o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Candeias, camarada Aurelino Bispo e a nossa companheira de longas lutas, Petilda Vazquez, que, na oportunidade, fará aqui o lançamento simbólico do livro “*Momento: Intervalo Democrático e Sindicalismo*”. Evidentemente, que o livro não vai estar disponível para a venda aqui na Assembleia Legislativa, porque não é permitido, mas o lançamento simbólico será feito aqui. É um livro que retrata a luta dos trabalhadores e ela própria, a autora, terá a oportunidade de comentar sobre essa importante obra literária, e histórica, para os trabalhadores e para a sociedade.

Eu quero fazer algumas considerações gerais. Em primeiro lugar, registrar que em 1864 foi criada a 1ª Internacional dos Trabalhadores. Essa é uma associação do proletariado socialista dirigido por grandes personalidades, entre as quais um velho conhecido aqui de todos nós, o barbudo chamado Karl Marx. O objetivo, na época, era coordenar a ação política dos partidos de esquerda em vários países. Posteriormente, foi dissolvida em 1876. Antes de continuar, quero registrar em tempo aqui, a presença importante de nossa companheira de luta, a guerreira deputada Fátima Nunes, prestigiando o nosso evento. (Palmas)

Como vocês observam, Karl Marx, em 1864, fundou a Internacional dos Trabalhadores, associação do proletariado mundial e posteriormente foi dissolvida. Em 1889, os partidos de esquerda de ideologia Marxista fundaram a 2ª Internacional. Então, estou citando esses dois eventos para mostrar, e que para possamos nos situar do momento histórico daquele período.

Então, aquele período era um momento da difusão das ideias socialistas se contrapondo ao capitalismo e a exploração absurda sobre os trabalhadores. As ideias socialistas ali surgem, começam a ser difundidas e começam a ser assimiladas pelo proletariado internacional. Evidentemente, que o surgimento e a consolidação do capitalismo, da indústria, do desenvolvimento industrial fizeram com que os trabalhadores se organizassem para lutar por seus direitos.

Portanto, é nesse contexto que, em 1886, se iniciou em Chicago, nos Estados Unidos, uma greve geral dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho. Aquele era o momento de grande exploração, era o momento em que os trabalhadores,

crianças, trabalhavam 13, 15, 16 horas, o movimento era apoiado em ideias progressistas, socialistas, e se organizavam para lutar em defesa da redução da jornada de trabalho.

Nesse contexto, nos Estados Unidos, que é um país de desenvolvimento industrial avançado no mundo, se organiza essa greve geral dos trabalhadores em 1886, que culminou com o confronto com a polícia naquele período, e a repressão policial provocou uma baixa de dezenas de trabalhadores que foram feridos e mortos naquele episódio.

Logo depois, em 1889, a Segunda Internacional, reunida em Paris, decidiu convocar anualmente uma manifestação para lutar pela redução da jornada de trabalho, jornada de oito horas, e aí se escolheu o 1º de maio. Evidentemente que a escolha do 1º de maio foi em função daquela luta e greve geral histórica realizada em Chicago, nos Estados Unidos.

Em 1º de maio de 1891, logo depois, houve uma manifestação no norte da França, dispersada e reprimida pela polícia, resultando na morte de dez manifestantes.

Então, esse fato serviu para reforçar o dia 1º de maio como o dia de luta dos trabalhadores. Ainda em 23 de abril de 1919, o Senado francês ratifica a jornada de oito horas e proclama o dia 1º de maio como feriado. Em 1920 a Rússia adota o 1º de maio como feriado nacional, e esse exemplo é seguido por muitos países.

Observam-se a difusão das ideias socialistas, a criação da Internacional dos Trabalhadores, a criação da Segunda Internacional, observa-se o reforço, em diversos países, para marcar esse dia, a repressão dos governos contra as lutas justas dos trabalhadores, e o 1º de maio foi se consolidando como o dia internacional da luta dos trabalhadores.

Então, a partir desse momento, todos os anos se observam essas comemorações, essas lutas marcando essa data histórica.

Apesar de não haver reconhecimento no governo do Estados Unidos com relação ao dia do trabalhador, é importante ressaltar que o Congresso aprovou a redução da jornada de trabalho naquele país e aqui no Brasil, evidentemente, seguindo essa trajetória dos países mais avançados e das ideias socialistas, o 1º de Maio foi sempre comemorado e reprimido ao mesmo tempo, mas ele sempre foi lembrado pelos trabalhadores, pelos lutadores, pelos socialistas, comunistas, na época os anarquistas também, como uma data de grande importância. Com manifestações, protestos, pressão da polícia, mas ele sempre foi lembrado.

Na era Vargas, período que vai de 1930 a 1945, observa-se que o governo implementa algumas ações, entre as quais a tentativa de descaracterizar o dia do trabalhador como sendo o dia de luta dos trabalhadores. Então o governo Vargas passa a fazer grandes festas, celebrações, desfiles para que os trabalhadores esquecessem um pouco dessa questão da luta.

Aliás, eu faço aqui um comentário dentro dessa lógica que até hoje observamos em alguns segmentos do Movimento Sindical que buscam comemorar o dia 1º de Maio com grandes sorteios, grandes festas, priorizando essa questão das festas, dos sorteios, e secundarizando a questão da luta dos trabalhadores, a questão do 1º de Maio como sendo um dia histórico, para lembrar, e para que possamos construir um projeto.

Esse processo do 1º de Maio começou em 1986 com a bandeira de luta da

redução da jornada de trabalho, conseguiu a vitória em vários Países, através da própria legislação, reduzindo a jornada de trabalho para 8 horas ou até menos. A questão da redução da jornada de trabalho continua na ordem do dia até hoje. As categorias lutam pela redução da jornada de trabalho.

Os bancários, por exemplo, conquistaram na década de 30 a redução da jornada de trabalho para 30 horas semanais. Os trabalhadores buscam reduzir essa jornada de trabalho através de uma grande mobilização, buscando reduzir de 44 para 40 horas semanais, projeto que tramita na Câmara dos Deputados. Há uma grande mobilização há muito tempo.

É uma luta histórica, a luta pela redução da jornada de trabalho, melhores condições de trabalho, melhores condições de vida, melhores salários. Essa é uma luta histórica, que continua atualizada.

É importante ressaltarmos e constataremos que no último período houve uma melhoria considerável na vida dos trabalhadores, nas condições de trabalho. Para se ter uma ideia, em 2002, segundo o cálculo do IBGE, o índice de desemprego situava-se na faixa de 12%, hoje o índice de desemprego situa-se na faixa de 8%.

Então, houve uma redução do desemprego no nosso País, redução do trabalho informal no nosso País. Mas, em que pese essa melhoria, que trouxe aumento de empregos, e geração de novos empregos, observamos ainda no nosso País milhões de trabalhadores desempregados, ou com péssimas condições salariais, com trabalho precário, degradante. Houve uma melhoria, mas ainda precisa melhorar muito mais, e essa melhoria só acontecerá com organização, luta, mobilização, com o cotidiano dos trabalhadores exigindo e buscando uma nova sociedade.

Portanto, observando hoje, em que pese esse avanço, infelizmente ainda vivemos numa sociedade capitalista, cruel, perversa, em que o estímulo ao consumismo exacerbado gera sérias consequências para a sociedade, para população, com o aumento da violência. Observamos uma situação em que as pessoas viram mercadoria.

O que interessa é o capital, o lucro, aumentar o império das empresas, dos bancos, e não a situação de vida dos trabalhadores. Não é isso que nós observamos, infelizmente vivemos ainda no capitalismo, nesse sistema cruel e perverso, que tem prejudicado a sociedade.

Portanto, eu queria aqui também citar um grande escritor marxista no seu período, século XIX, Burla Fargo, cujo livro com um título curioso “O direito à Preguiça”, mas é um livro importante, fundamental, porque a essência desse livro é mostrar a exploração capitalista e defender uma sociedade socialista, onde as pessoas tenham mais tempo livre, condições melhores e dignas de trabalho. Nesse livro, ele defende a redução da jornada de trabalho e ressalta, quando trata da questão da tecnologia, que à medida que a máquina se aperfeiçoa, ao invés de o operário aumentar o seu repouso proporcionalmente, ele redobra o seu ardor.

O que ele quer dizer com isso? Ele quer dizer que, dentro da lógica capitalista, o avanço tecnológico e as novas tecnologias deveriam servir para diminuir o trabalho penoso, reduzir a jornada de trabalho e melhorar as condições de vida da população de uma maneira geral. Ao invés disso, o avanço da tecnologia aumenta a exploração do trabalhador dentro da lógica capitalista.

Dentro da lógica socialista é diferente, a tecnologia serve para melhorar as

condições de vida da sociedade. Esse é o objetivo e o princípio, mas dentro da lógica capitalista é diferente. O princípio é aumentar o lucro, o império e o potencial de cada empresa. Essa é a lógica capitalista que pouco se importa com as pessoas.

É nesse sentido que as pessoas viram mercadorias. Em uma das sessões especiais realizadas nesta Casa, quando discutíamos a respeito das faculdades particulares, a mãe de uma aluna fez uma declaração interessante. Ela disse: “Fiquei muito triste da Faculdade Ruy Barbosa, uma faculdade respeitada, ser vendida, porque soube que a minha filha valia R\$ 5 mil.”

Quando a faculdade é boa o preço do aluno é de R\$ 5 mil, mas quando a faculdade é um pouco pior ele custa R\$ 2 mil ou R\$ 3 mil. Assim, cada aluno tem um valor. A mãe dessa aluna disse ainda: “Eu não sabia que minha filha tinha virado mercadoria. Ela vale R\$ 5 mil.” Complemento a fala dessa mãe dizendo que as pessoas estão virando coisas, professora Petilda, e as coisas estão virando seres humanos. O mercado fica tenso, nervoso e agitado, e os alunos valem R\$ 5 mil; outros valem R\$ 2 mil ou R\$ 3 mil. Essa lógica precisa acabar.

O Paul Lafargue, autor do livro *O Direito à Preguiça* – o nome assusta, mas a essência do livro é muito importante porque fala da exploração – diz que é preciso implementar e utilizar a tecnologia para melhorar as condições de vida da população e aumentar o tempo livre das pessoas, porque elas precisam dormir, descansar, ter tranquilidade, e lazer.

Como diria o próprio Engels: “De manhã você trabalha, à tarde você vai pescar e à noite você vai ao teatro.” Enfim, as pessoas precisam viver com dignidade e precisam de tempo livre. É isso que Paul Lafargue defende no seu livro: *O Direito à Preguiça*, um livro muito interessante.

Por isso, para concluir, pois parece que já falei demais, quero dizer que é muito importante esta Assembleia Legislativa celebrar este dia, porque este é um Poder importante, que deve estar sempre a serviço da sociedade e dos trabalhadores.

Na Assembleia Legislativa não pode passar despercebido este dia histórico dos trabalhadores, até porque há aqui uma representação geral da sociedade. Especialmente as verdadeiras representações dos trabalhadores, dos oprimidos, dos explorados e daqueles que buscam uma transformação.

Portanto, o Legislativo estadual não poderia deixar de celebrar este 1º de Maio. É necessário que continuemos lembrando esta data e a sua história, sempre sonhando e acreditando nos sonhos. Acreditando que é possível construir uma sociedade sem opressão, sem exploração, com trabalho, justiça social e paz. Construção que será feita com as nossas próprias mãos. E é possível construir uma sociedade socialista, em que todos possam viver com dignidade.

Um grande abraço. Vamos à luta! Até a vitória! (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

(O deputado Álvaro Gomes assume a presidência da sessão.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido para fazer parte da Mesa o deputado Daniel Almeida, uma das grandes revelações no Congresso Nacional, sindicalista, lutador e vinculado às questões da sociedade, dos trabalhadores e do 1º de Maio. O deputado Daniel Almeida é nosso camarada do PCdoB. (Palmas)

Concedo a palavra ao nosso companheiro José Nivalto, presidente da Fetracom. (Palmas)

O Sr. JOSÉ NIVALTO:- Deputado estadual Álvaro Gomes, presidente desta sessão, que nos honra muito ao realizar este evento para homenagear os trabalhadores e trabalhadoras da Bahia, mantendo o seu compromisso com a nossa classe; deputado federal Daniel Almeida, do PCdoB, nosso companheiro de muitas lutas, na sua pessoa quero saudar todos os companheiros e companheiras da Mesa; e faço uma saudação especial aos companheiros e companheiras trabalhadores presentes.

A Fetracom-BA, Federação dos Trabalhadores da Indústria da Construção tem 17 sindicatos filiados. Aqui se encontra um dos maiores sindicatos da nossa representação, está ali sentado o nosso companheiro José Ribeiro, mas outros companheiros devem estar aqui, mas ainda não os vi. É possível que estejam chegando. O nosso companheiro Florisvaldo, que é secretário geral da CTB e diretor de patrimônio do Sintracom deve estar a caminho.

Companheiros e companheiras, o que mais honra a nós, trabalhadores da construção civil, ao participarmos dessa homenagem aos trabalhadores é sermos convidados a falar num espaço construído por nós.

Neste momento, é muito importante estar falando aqui, neste espaço tão bonito, tão belo, que passou pelo suor e pelas mãos calejadas dos trabalhadores e trabalhadoras da construção civil. Só neste momento é que temos a oportunidade de participar e falar num local construído por nós. Só pessoas responsáveis e compromissadas, como o deputado Álvaro Gomes, pode lembrar de nossa classe no dia de hoje. Apesar do Dia do Trabalhador ser amanhã, 1º de maio, nós estamos antecipando. Isso é importante para nós, trabalhadores da construção civil e da classe trabalhadora.

Companheiro Adilson, presidente da CPB, que defende uma bandeira de tamanha importância para os trabalhadores da construção civil, a redução da jornada de trabalho de 44 horas semanais para 40 horas semanais sem redução de salário, isso é de fundamental importância para os trabalhadores e trabalhadoras da construção civil, porque nós não trabalhamos só 44 horas semanais, trabalhamos muito mais. Para podermos chegar a uma obra no centro da cidade precisamos acordar às 5 horas da manhã e pegar um ônibus, um “busu”, cheio, às 6 horas, para podermos chegar às 7 horas no local de trabalho. Saímos às 17 horas e só chegamos em casa entre 19 horas e 20 horas, além das horas extras que somos obrigados a fazer por exigência do capital, para enriquecer cada vez mais o patrão, aumentar o seu lucro com a produtividade.

Então, a redução da jornada de trabalho é de grande importância para a classe trabalhadora, para nós, trabalhadores da construção civil, que aproveitamos essa oportunidade para também nos colocar na luta em defesa da redução da jornada de trabalho de 44 horas para 40 horas semanais.

Aproveito o momento para saudar, em nome da Fetracom, em nome dos 16 sindicatos filiados que aqui não estão, a todos os trabalhadores e trabalhadoras do Brasil e do mundo pelo seu dia.

Quero aproveitar, deputado, para fazer algumas denúncias que, talvez, quem sabe, tornem-se bandeiras de sua luta. Estamos numa parceria com a Secretaria do Trabalho e Emprego pela qualificação e certificação dos trabalhadores da construção civil, começando pelos participantes do Bolsa Família; primeiro era Plansec, agora é

Próximo Plano.

Um dos problemas enfrentados por nossa categoria, deputado, é que as entidades promotoras dessa educação têm questionado que estão certificando homens e mulheres, e a maior participação é das mulheres, mas as empresas, na hora de contratar, estão jogando as mulheres para escanteio, estão contratando apenas os homens, a ponto de uma entidade educadora dizer que certificou 22 companheiros, dois homens e 20 mulheres, para montadores de andaime e só os dois homens foram contratados.

Portanto, encerrando meu tempo... esses apitos devem ser para encerrar meu tempo. Trabalhador quando fala é assim mesmo. Gostaria de que o deputado encampasse essa luta em defesa dos trabalhadores da construção civil, principalmente das mulheres, que são exploradas, têm dupla jornada e não são reconhecidas, inclusive na hora da certificação e da contratação.

Um abraço. Vamos à luta! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao presidente da Federação dos Comerciários da Bahia, Sr. Reginaldo Oliveira.

Na realidade, a nossa ideia aqui é que cada orador fale por 5 minutos, como referência, e o apitinho aí é para lembrar que já está quase no horário de encerrar o pronunciamento, o outro apito é para dizer que já terminou e que conclua o seu raciocínio.(Risos)

O Sr. REGINALDO OLIVEIRA:- Deputado Álvaro Gomes, mais uma vez, em nome dos comerciários da Bahia, eu gostaria de parabenizar V.Ex^a, o povo da Bahia, por fazer uma importante sessão especial no Dia do Trabalhador. Gostaria também de saudar os presentes à Mesa, o secretário do Trabalho, que representa aqui o governador do Estado; o deputado federal Daniel Almeida, trabalhador têxtil, que hoje dentro da Câmara dos Deputados tem defendido os interesses dos trabalhadores e de todo o Brasil; Adilson Araújo, presidente da CTB, que tem dado um passo importante na consolidação e na unidade das lutas de interesse dos trabalhadores; Jaelson Dourado, presidente do Sindicato dos Comerciários de Salvador, do qual participo, um sindicato que tem um papel importante e fundamental na nossa cidade e que interfere em todas as lutas, tanto no interior como na capital; companheira Graça, que representa aqui a Federação dos Bancários da Bahia, que tem contribuído por muito tempo para a organização das lutas dos trabalhadores, e podemos observar ainda numa foto histórica em que o presidente do Sindicato dos Bancários, naquela época, Álvaro Gomes, que é o nosso deputado hoje, contribui na organização junto com Daniel Almeida e alguns dirigentes metalúrgicos; o companheiro Zeivaldo, que colocou aqui a importância dessa categoria, que é a construção civil, categoria que tudo que você tem de imponente no mundo passou pela mão da construção civil; o nosso companheiro de Candeias, que não consegui identificar o nome, que representa aqui um grupo de trabalhadores; Dr^a Petilda, historiadora, que tem contribuído com a nossa luta na formulação de políticas identificando as questões dramáticas e importantes no campo dos trabalhadores.

O dia 1º de maio sempre serviu para fazermos um balanço de como passa a vida dos trabalhadores do mundo. Para avaliar isso precisamos saber como está a política no mundo, como está o sistema capitalista do mundo. Apesar de ser dominante, mas a

cada dia, a cada momento, ele perde espaço.

O projeto neoliberal, que é o projeto da liberdade em que o Estado manda sem interferência, não pode interferir, é o mercado que manda, foi derrotado no seu núcleo central. A crise que passou pelo mundo, principalmente, pelos países centrais do capitalismo, demonstrou isso, e o dia 1º de maio serve para fazermos uma avaliação: como estão as lutas dos trabalhadores no mundo, no nosso País e no nosso Estado?

É de domínio público que só no governo Lula o 1º de Maio dos trabalhadores deixou de ter como pauta a quantidade de demissões, o fechamento de fábricas e as privatizações, deputado.

Temos um trabalhador. Talvez, poucas nações, neste momento, no mundo, tenham a oportunidade de comemorar o 1º de Maio com um trabalhador sendo presidente da República. Isso é muito importante para nós. No caso específico, a Bahia não fica atrás.

O nosso governador saiu das fábricas, dos trabalhadores. A conjuntura mudou em favor dos trabalhadores, como podemos observar em uma Mesa como esta, no Parlamento, a ocupação de um espaço que tradicionalmente sempre foi da classe dominante, a posição de trabalhadores no Congresso Nacional e na Assembleia Legislativa. Isso quer dizer que as nossas lutas não devem se limitar às lutas econômicas. As lutas políticas têm um papel importante.

Neste 1º de Maio, temos que entender que deste período até 3 de outubro teremos uma batalha fundamental. Para continuar com esse avanço que estamos tendo, precisamos ter a capacidade de influenciar em todas as áreas a que pertencemos e ganhar as massas através da opinião dos trabalhadores, para que essa luta possa avançar, com a ocupação de muito mais espaço pelo trabalhador, que aqui dentro tenhamos mais trabalhadores ocupando espaços, como o que o nobre deputado ocupa, que nesta Assembleia Legislativa, tenhamos mais parlamentares trabalhadores ocupando espaço, e que essa política que está acontecendo hoje no Brasil e na Bahia continue avançando para que tenhamos um Brasil melhor e um país socialista.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- O vice-governador, Edmundo Pereira mandou uma justificativa:

“Em razão de compromisso anteriormente firmado, estarei impossibilitado de comparecer à sessão especial em comemoração ao Dia do Trabalhador. Na oportunidade, aproveitamos para agradecer o convite bem como para expressar os melhores votos de sucesso.”

O secretário James também agradeceu o convite:

“Agradeço o convite, no entanto, não poderei estar presente ao evento, no entanto, não poderei estar presente ao evento em razão de compromisso assumido anteriormente.”

Quero registrar as presenças da FETIM, Associação Comercial Carangi, Sintracon, Frente de Luta Popular, Sindicato dos Servidores Penitenciários do Estado, Movimento dos Sem-Teto, Sindicato dos Metalúrgicos, Sindisaúde, PCdoB Simões Filho, União Brasileira de Mulheres, Sindicato das Fibras Naturais, Sindicato dos

Comerciários, Sindicato dos Bancários, Central Estudantil, Federação dos Comerciários do Estado da Bahia, UJS, CTB e também o Iapaz, representado por Nei Sá - embora eu seja o presidente, mas para não ter dupla representação- pois sou presidente do Iapaz e da sessão - o Iapaz está representado aqui pelo nosso diretor de imprensa Nei Sá. Também o projeto Minha Casa, Minha Vida, os trabalhadores da empresa Paranapanema, antiga Caraíba Metais.

Com a palavra Graça Gomes, diretora do Sindicato dos Bancários da Bahia, representando o presidente Euclides. (Palmas)

A Sr^a GRAÇA GOMES:- Bom dia a todos e todas presentes nesta importante plenária, em primeiro lugar, gostaria de parabenizar o deputado Álvaro Gomes pela excelente ideia e participação nesta Casa, pelo chamamento desta Assembleia em comemoração do Dia do Trabalhador; parabenizar também a presença do deputado federal Daniel Almeida, que desempenha um papel importante em âmbito nacional em prol dos trabalhadores. Assim também como o presidente da CTB, Adilson Araújo, que nesses dois anos de fundação dessa central tem sido um referencial e um diferencial na luta dos trabalhadores, contrapondo, inclusive, àqueles e àquelas que querem travar a luta e não colocá-la para a frente.

Aos demais companheiros da Mesa, companheira Petilda, professora da UFBA, grande representação no campo das ideias travadas através dos seus livros e acompanhando de perto a luta de todo o povo. Companheiro Oliveira, grande companheiro de longas batalhas, presidente dos comerciários, vereador, que ainda vai voltar à vereança, com certeza; companheiro Adilson, que está ali, hoje como presidente do Sindicato dos Comerciários; companheiro Nivaldo, e os dois companheiros que agora não recordo os nomes. Saudar, enfim, todos e todas que estão presentes.

Não vou aqui me ater a um discurso teórico porque o deputado Álvaro Gomes já o fez, brilhante inclusive; queria saudar, em nome do presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia e da Federação da Bahia e Sergipe, Euclides Fagundes, dizendo para esta plenária e para todos os representantes da Mesa, a unidade dos trabalhadores é preciso.

Vivemos um momento em que o País passa por mudanças. Mudanças essas feitas pelos próprios trabalhadores. Porque se hoje temos um presidente saído do seio dos trabalhadores, essa mudança foi feita com muita luta, com muita garra e com muito sangue.

Entre as coisas mais importantes que os trabalhadores lutam, está aí o movimento por uma reforma agrária justa e precisa. Temos um País vasto, com terras que não são plantadas, e o povo precisa dessas terras para que plante.

Precisamos de mais valorização da classe trabalhadora, com maior qualidade de vida. Precisamos também da valorização das mulheres, com um salário igual para trabalho igual.

Entre outras bandeiras, está aí o Movimento dos Sem Teto que se faz aqui presente com várias representações. O povo precisa de casa para morar; o povo precisa de educação; o povo precisa de alimento; o povo precisa de saúde; o povo precisa de vida, e a vida é uma coisa importante para todos. E para que se tenha todas essas questões no dia a dia da luta de cada trabalhador e trabalhadora, essas pautas que estão

aí, para que nós abracemos e conquistemos a luta dia a dia precisamos da unidade da classe trabalhadora, a unidade da luta dos trabalhadores, com divisão não se chega a lugar nenhum.

Por isso, quero saudar a Mesa, todos que estão presentes e esta Casa por estar aqui mais uma vez em prol da luta da classe trabalhadora. E convidar aqui todos e todas para o congresso da categoria bancária, nos dias 15 e 16 de maio, para estarmos desenhando, vamos dizer assim, um novo quadro para a política que se impõe aí em âmbito nacional, e por que não dizer internacional.

A crise que não atacava a Europa já começa a atingir a Europa; começa pela Grécia perpassando por outros países. E aí está o grande desafio. O mundo está mudando e as pessoas querem e cobram de todos os governos essa mudança. O capitalismo está caindo. Cada vez mais o socialismo é preciso ser implantado.

Todos à luta, companheiros! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE:(Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao Sr. Antônio Balbino, presidente da Federação dos Metalúrgicos da Bahia. (Palmas)

O Sr. ANTÔNIO BALBINO:- Bom-dia a todos e a todas.

Inicialmente gostaria de saudar o presidente desta sessão, deputado Álvaro Gomes, Adilson Araújo, presidente da nossa Central Sindical – CTB, a nossa deputada Fátima Nunes, os presidentes de federações, de sindicatos, diretores de sindicatos, os funcionários desta Casa que nos receberem neste dia com muito carinho, obrigado, as companheiras taquígrafas que sempre estão ali anônimas, mas têm um trabalho fundamental nesta Casa, os companheiros da copa, os funcionários, os trabalhadores da imprensa que têm a responsabilidade de passar as informações que ocorrem nesta Casa para toda a sociedade, enfim, todos os trabalhadores e as crianças aqui presentes, com um contingente significativo.

Meus companheiros, amigos trabalhadores, hoje é um dia de extrema importância para nós trabalhadores do Brasil e do mundo, penso que foi extremamente acertada a iniciativa do deputado Álvaro Gomes em convocar esta sessão especial porque também passamos por um período especial na nossa sociedade, hoje os trabalhadores no que pese o avanço tecnológico, o desenvolvimento do capitalismo, têm passado cada vez mais por duras dificuldades no seu cotidiano.

Exemplo concretos temos e vimos a cada dia, especificamente no nosso campo, na Bahia, especialmente também no segmento que represento e que tem grande representação nesta sessão, a dos trabalhadores metalúrgicos. Companheiros camaradas e amigos, recentemente em função da modificação da sistemática de trabalho numa empresa bastante conhecida aqui de todos vocês, a antiga Caraíba Metais, passamos um ano discutindo com a empresa a sistemática que ela tinha implementado com a relação do trabalho. As pessoas não tinham, absolutamente, nenhuma condição de passar o fim de semana com a família com a implementação do chamado turno fixo. Isso fez com que os trabalhadores para ver os seus filhos, poder ir à missa ou a um culto no fim de semana precisasse trabalhar 45 dias seguidos, para ter um domingo de folga a cada um desses períodos.

Essa é, na verdade, a concepção, a essência do capitalismo, e é isso que

combatemos, é por isso que devemos lutar, e essas crianças que estão aqui presentes merecem que lutemos por elas para modificar essa sistemática, essa concepção em relação ao trabalho e aos trabalhadores.

Em função desse aumento da tecnologia, do nível de desenvolvimento industrial, se fizéssemos uma comparação na proporcionalidade, no nível de desenvolvimento para o nível de trabalho, hoje o trabalhador no mundo todo deveria estar trabalhando uma ou duas horas por dia. Antes do processo da industrialização, no início da industrialização, no setor automotivo, por exemplo, para cada homem era fabricado um veículo/ano, no início da Ford. Hoje, é fabricado mais de 45 veículos/homem. Imaginem o índice de produtividade que foi agregado a essa indústria! Em compensação qual foi a retribuição que os trabalhadores tiveram por esse desenvolvimento, por essa produtividade?

Precisamos aqui, Sr. Presidente, companheiros, deputado Daniel Almeida, que tem feito sempre um trabalho voltado para os anseios dos trabalhadores da Bahia e do Brasil, assumir o compromisso de cada vez mais engendrar a nossa luta para modificar esta demoníaca e sistemática exploração do trabalhador.

Por isso queremos aqui, em nome da federação, em nome dos metalúrgicos, em nome dos nossos companheiros do Sindicato dos Metalúrgicos de Dias D'Ávila e dos trabalhadores da Paranapanema, da qual participo, deixar claro o compromisso de que devemos sempre lutar para eleger homens comprometidos com a nossa luta, esclarecendo a população e, acima de tudo, unidos na perspectiva da transformação do mundo do trabalho em favor dos trabalhadores.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao presidente da CTB, Adilson Araújo.

Antes, porém, quero convidar todos os presentes para o 1º de Maio unificado, unitário, que acontecerá no Parque do Abaeté, em Itapuã, a partir das 10h. Teremos shows com Gerônimo, David Carvalho e Banda Farofa d'Água e muito mais. Além de show, teremos também luta. Esse evento está sendo convocado pela CTB, CGTB e pela Nova Central. Portanto é um 1º de Maio bastante representativo, pois é o único que conta com a presença de três centrais.

Quero também registrar o lançamento, no dia 20 de maio, às 1830min, no Teatro Dias Gomes - Sindicato dos Comerciantes, da Cartilha da Mulher.

Com a palavra Adilson Araújo.

O Sr. ADILSON ARAÚJO:- Bom-dia a todos e a todas.

Em nome da CTB, que é uma central de trabalhadores e trabalhadoras do Brasil, faço uma saudação especial a esta iniciativa do deputado estadual Álvaro Gomes; saúdo o governador Jaques Wagner na pessoa do secretário do Trabalho, companheiro Nilton Vasconcelos; o nobre deputado federal Daniel Almeida; a companheira Graça Gomes; os companheiros Zé Nivalto, Balbino, Aurelino, Oliveira e Jaécio, do Sindicato dos Comerciantes; e também a deputada Fátima Nunes.

Sem sombra de dúvida, esta é uma data importante. Penso que ela seja um momento de reflexão.

Há 121 anos se comemora o 1º de Maio, em consequência de uma importante e histórica greve realizada por trabalhadores de Chicago, em 1886. Aquele movimento tinha como objetivo inibir as contradições entre capital e trabalho. Esse processo permitiu um novo horizonte, uma nova perspectiva, pois até ali os trabalhadores eram submetidos a uma jornada laboral exaustiva, chegando a 17 horas por dia. A bandeira em pauta era a redução de 13 para 8 horas diárias.

Muita coisa mudou nestes 121 anos. Aqui no Brasil lutamos contra uma ditadura militar, convivemos com os caras-pintadas, enfrentamos o neoliberalismo e estamos construindo uma nova configuração na política nacional.

E temos ali aquela foto emblemática, quando Lula perguntava a Álvaro: “Será, Álvaro, que um dia chegaremos ao Poder?” Penso que, no exercício da disputa democrática, reunimos condições suficientes para promover uma mudança política, embora a chegada ao poder não nos tenha reservado ainda a condição de efetivamente construir um Estado democrático de direito.

Em que pese a nossa vitória eleitoral, o Brasil ainda é um Estado capitalista, concentrador de riquezas, no qual o poder econômico ainda tem a maioria. Por isso, muitos dos interesses que dizem respeito à classe trabalhadora ainda não foram realizados, tendo em vista que não acumulamos força suficiente para promover uma verdadeira ruptura com o sistema capitalista.

Mas penso que num horizonte muito próximo do nosso olhar reunimos condições bem melhores do que num passado recente e acredito que apostar na unidade da classe trabalhadora, numa aliança com as demais centrais sindicais, considerando sobretudo num estado de um governo democrático, popular, é fundamental que os trabalhadores possam preservar a sua autonomia e independência sem perder a perspectiva de um rumo socialista. Penso que isso é necessário e ao fazer isso devemos exercitar uma condição que está colocada na ordem do dia, de levar ao conjunto da sociedade um debate sobre a construção de um novo projeto nacional de desenvolvimento.

Acumulamos força, indiscutivelmente, com o governo Lula e esse 1º de Maio se confunde com a comemoração dos 70 anos do salário mínimo e ao comemorar os 70 anos, acreditamos que no patamar e no estágio que estamos é preciso melhorar mais a condição de vida do trabalhador e ao discutir um novo projeto de desenvolvimento nacional, ter na sua centralidade a valorização do trabalho e do trabalhador.

E ao eleger a agenda positiva, devemos votar para vê-la aprovada, e o papel do deputado Daniel Almeida bem como do deputado Álvaro Gomes são fundamentais. Reduzir a jornada de trabalho de 44 horas para 40 horas semanais é uma necessidade, é a possibilidade de vermos a geração de mais de dois milhões de novos empregos, intensificar a luta pelo fim do fator previdenciário que causa 40% de prejuízo nos benefícios de pensão, é uma necessidade objetiva para o conjunto da classe trabalhadora e trilhar no rumo da ratificação, da convenção 158 da IT, que vai inibir o patrão de fazer como vem fazendo na antiga Caraíba demitindo os trabalhadores num toque sumário.

Penso que aos celebrar o 1º de Maio devemos estar convencidos de que devemos ganhar as ruas. Faço um convite: não vejam o 1º de Maio como um dia simplesmente de festa, mas um dia de reflexão, de luta, e devemos nos orgulhar de existir, e poder

lutar por uma perspectiva de construir uma sociedade cada vez melhor, uma sociedade igualitária.

Vamos à luta, vida longa à CTB, viva o 1º de Maio. (Palamas)

O Hélio pediu para chamar: Trabalhador e trabalhadora unidos, jamais serão vencidos!

Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Paço a palavra para a professora e escritora Petilda Vasquez e que vai fazer um comentário sobre o livro “Momento, que retrata a Vida dos Trabalhadores”.

Quero registrar a presença de Valdeilson Miguel, presidente da Associação Metropolitana dos Taxistas e Natan Santos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Simões Filho.

Com a palavra a professora Petilda.

A Srª PETILDA VASQUEZ:- Bom-dia, companheiros e companheiras, quero começar agradecendo essa oportunidade, e a alegria de estar compartilhando dessa sessão tão sensivelmente convocada por alguém que faz do seu mandato um trabalho eminentemente público, de servidor do público que é o que o deputado Álvaro Gomes faz no seu mandato. (Palmas)

Aproveito para cumprimentar a Mesa, todos os companheiros e companheiras na pessoa do deputado Álvaro Gomes.

Gostaria antes de falar exatamente do que também me trouxe aqui, do que estamos falando, a experiência de algo que precisa ainda ser consolidado no nosso País. Trabalho existe, porque homens e mulheres o realizam. Trabalho é realização de construto da nossa humanidade. Não somos suportes do mundo. Quem suporta o mundo são as árvores, as pedras, os rios, os seres inanimados. Somos construtores e construtoras do mundo. Trabalho é um diferencial nosso de macho e fêmea da nossa condição de animal.

A nossa cultura, a nossa intervenção no mundo se realiza com o trabalho. Mas a nossa história, tem sido marcada por uma história de trabalho que sempre precisou de corpos e mentes sacrificados. Foi assim com os nossos índios, com os escravos e não pode continuar sendo com essas jornadas excessivas de trabalho. Muitos deram suas vidas pela redução dessa jornada.

Eu hoje trabalho doze, treze horas e me sinto uma traidora de memórias de lutas de outros tempos. Tenho traído essa história. Eu me sinto responsável e envergonhada, porque hoje eu trabalho dez, doze horas por dia. Está errado. O companheiro, presidente do Ipea, lançou um livro formidável, em dezembro, que se chama: “*Qual Desenvolvimento?*” Nesse livro ele pergunta o que queremos para o nosso povo, para nossa nação, para o nosso País. Logo no início do livro tem escrito assim: “*Hoje, o mundo pode viver tecnicamente com uma jornada de trabalho de 13 horas semanais. Nós já dispomos de inteligência, de tecnologia para que nós só trabalhemos 13 horas semanais*”.

Isso não significa dizer que sejamos ou que vivemos uma vida de preguiçosos. Isso significa a emancipação humana pelo trabalho, mas nós somos, para usar a palavra

do economista Márcio Pochmann: “*Nós somos mesquinhos, não admitimos*”.

Então, a luta pela redução da jornada de trabalho trazida aqui pelo deputado é algo que é central na edificação dessa nossa humanidade. É central para aqueles homens e mulheres que vivem do trabalho.

O que trago aqui para apresentar rapidamente a vocês, é exatamente a recuperação de uma memória operária, de uma memória de homens e mulheres das quais somos herdeiros e herdeiras. Nós estamos aqui, porque em outros tempos homens e mulheres lutaram e muitos deram as suas vidas pela construção de um mundo melhor e mais justo. A história que nós conhecemos ou que chega até nós, de modo geral, é a história oficial, é a história de administradores, é a história de governantes, é a história de personalidades como se homens e mulheres que vivem do trabalho não fossem construtores de vidas e de histórias.

Então, essa é uma memória de lutas operárias no tempo de construção e um modelo de estado que ainda persiste, que é período de 1942 a 1947. Aqui está travada a luta de comerciários, de portuários, de trabalhadores da indústria do açúcar, de pessoal de transportes, aqui é o período de construção de uma Constituinte com a participação de deputados e de companheiros comunistas que deram suas vidas, e que lutaram pela construção da democracia no País.

Uma história oficial que diz que a Constituição de 1946 é uma das mais democráticas. O que este livro nos mostra é que é essa democracia é hostil aos trabalhadores. Isso não podemos aceitar, nos enganar. É um direito do trabalhador, construído com muita luta. Não tem um outro meio que não seja a expressão da demanda, das mobilizações e da solidariedade, como está trazido aqui na memória daqueles que lutaram outros tempos, quero destacar o companheiro Carlos Marighela, deputado que desenvolveu o seu mandato em praças públicas, indo para as portas das fábricas, para os portos trazendo as notícias do que estava se escrevendo na Constituição do Rio de Janeiro, em 1946, e levava as demandas dos trabalhadores da Bahia para dentro da Constituição. Esse é um exemplo de mandato parlamentar que hoje serve para os nossos dias e que muitos dos companheiros fazem e que a gente tem que repensar e entender que esses mandatos precisam ser eminentemente públicos e esse é um espaço, é uma Casa do público, da voz do público.

Agradeço e me sinto muito honrada por estar aqui nesse dia de comemoração de trabalho e de trabalhadores, porque é isso que nós somos, e esse país precisa entender que essa é a atividade de construção de humanidade.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao deputado Daniel Almeida.

O Sr. DANIEL ALMEIDA:- Cumprimentar o deputado Álvaro Gomes, que tem a iniciativa de repetir esta sessão em homenagem ao dia do trabalhador e ao trabalho, não é a primeira vez que ele faz isto nesta Casa Legislativa; cumprimentar o secretário Nilton Vasconcelos, representando aqui o Governador Jaques Wagner, minha amiga Graça, Zé Nivaldo, Balbino, Aurelino, que está ali na ponta, Jaelson, presidente do Sindicato dos Comerciários, companheiro Oliveira, professora e pesquisadora

Petilda, que todos nós conhecemos e traz uma grande contribuição e reflexões importantes sobre o estudo e o conhecimento daquilo que é a história e a realidade do mundo do trabalho e das lutas que os trabalhadores têm feito aqui na Bahia; cumprimentar Adilson Araújo, presidente da CTB, essa nova mas já consolidada central sindical que defende os trabalhadores brasileiros; cumprimentar a todos os companheiros que preenchem aqui o plenário da Assembleia Legislativa da Bahia, e sempre em luta, especialmente os companheiros da Paranapanema, antiga Caraíbas, que sofrem a repressão, a ação patronal, mas que não desistem, que enfrentam, que vêm para o debate e denunciam aquilo que são mazelas, que são práticas condenáveis que ainda estão presentes na nossa sociedade, que ainda fazem parte da ação de patrões que dificilmente se adaptarão a um mundo mais civilizado.

A professora Petilda fazia uma reflexão sobre o que é o trabalho e a necessidade de um dia como este falar de valores. Nós estamos numa sociedade capitalista, que tem o trabalho apenas como uma mercadoria; ela oscila de acordo com as circunstâncias desse mercado, e nós, trabalhadores, temos que pensar em como nos organizamos para superar esse modelo, esses valores, construir outro modelo, outro sistema que tenha o trabalho como elemento da realização da vida humana, de convívio entre os homens, os seres humanos, a natureza, para o novo patamar de desenvolvimento que compreenda o desenvolvimento com a abrangência que esse termo possa ter, colocando o ser humano como centro, articulado com a natureza desse desenvolvimento.

O 1º de maio, portanto, é o momento de fazer essa reflexão: como é que as coisas estão acontecendo no mundo, qual é o espaço que os trabalhadores estão conquistando. Estamos num momento de avanços ou de retrocessos? Acho que temos avanços. Do ponto de vista ideológico nós conquistamos avanços muito recentemente, mas também fomos vítimas, recentemente, do encaminhamento e da adoção de políticas neoliberais, ausência do Estado, a diminuição do papel do trabalho, a desvalorização completa daquilo que é o espaço público, políticas universalizantes, a capacidade do Estado de adotar certos mecanismos que favoreçam as condições das pessoas se realizar, e esse posicionamento sofreu grande revés. A crise de 2008 colocou por terra esse modelo do ponto de vista ideológico, do ponto de vista da sua capacidade de reestruturar, de encontrar novos caminhos. Estamos longe de comemorar vitórias.

Nós, no Brasil, temos produzido também muitos avanços. Nesse 1º de Maio, podemos registrar avanços extraordinários. O Brasil hoje é visto de forma diferente. Só o fato de essa condução ser liderada por alguém que veio do mundo do trabalho, por um operário já é algo extremamente simbólico. Nós, no Brasil e na Bahia, podemos ter muito orgulho de demonstrar que é possível sim vir alguém construído da luta do nosso povo e fazer melhor, e fazer diferente, e fazer caminhos que há tanto tempo podíamos ter feito e que foi necessário que tivéssemos construído essa possibilidade para que percorrêssemos esse caminho ainda que estreito, limitado, mas nessa direção.

Então, é importante percebermos isso, principalmente agora, principalmente num ano como este. Estamos num ano de disputa política, de disputa eleitoral. Os avanços que conquistamos não estão ainda consolidados. Ainda corremos risco de retrocesso. Aliás, os nossos inimigos são muito poderosos. Temos um sistema de oposição neste País que não admite, que não aceita que os trabalhadores possam continuar avançando, que esta nação possa continuar avançando. Faz oposição

cotidianamente, tenta desmontar qualquer avanço e interromper os passos que estamos construindo no nosso País. Os ataques são permanentes. Essa batalha se dá este ano, se dá no concreto, se dá na luta do dia-a-dia. Temos que ter capacidade de levar o debate político para cada fábrica, para cada ambiente do comércio, do serviço público, para a dona-de-casa, para aqueles que lutam pela moradia.

O que significa ter chegado até aqui? O que temos ainda para construir? Quais os avanços que são necessários? Que projeto devemos abraçar? Quais as forças que significam caminhar nessa direção? Como identificar isso e como não permitir o retrocesso? Esse desafio está posto. Nessa trajetória de poucos dias até o mês de outubro. Ao comemorar o 1º de Maio, temos que colocar isso como elemento central. No Congresso Nacional, estamos debatendo coisas fundamentais. Não é fácil avançar. A redução da jornada de trabalho não tem quem questione tecnicamente, mas é um problema político! Nunca foi fácil e nunca será, porque aí se dá a contradição.

A professora Petilda disse aqui, o Márcio Costa já demonstrou por muitos estudos que tecnicamente poderíamos ter jornada de 13h, 20h sem nenhum problema. Por que não reduzimos a jornada de trabalho no Brasil? Porque enquanto o trabalho for uma mercadoria, ela vai ser vista assim pelos opositores desses avanços que estamos conquistando. Estamos batalhando. Apesar de muitos avanços que alcançamos no Brasil, a correlação de força ainda é muito desfavorável. Lá no Congresso Nacional, não temos mais do que 120, 150 deputados que têm vínculos mais diretos e compromissos mais firmes com os trabalhadores, com a luta dos trabalhadores. Para garantir a governabilidade e o Brasil avançar, às vezes o governo tem que trazer para a sua base gente que é inimiga dos trabalhadores! Como é que se faz essa composição? Dificilmente, faremos modificação sobre a jornada de trabalho se não houver uma ampla e forte pressão popular dos trabalhadores. Sempre foi assim em todos os momentos da nossa história.

As Convenções 158, 151 estão lá também para ser deliberadas. Não é fácil. A 158 já foi ratificada pelo Brasil e denunciada depois, num momento anterior. Agora, eles não querem nem ouvir falar. O que propõe? Que não se faça demissão imotivada. É uma coisa simples, que muitos países do mundo já alcançaram, mas há muita resistência no Congresso Nacional que precisamos vencer.

Estamos debatendo, agora, o salário mínimo. Durante décadas se dizia que o Brasil não podia pagar um salário mínimo maior porque a economia não suportava. As pequenas empresas faliam, as prefeituras fechavam. Era esse o discurso e o objetivo era chegar a um salário de 100 dólares. Não é uma boa referência. O dólar já não é a moeda como era naquele tempo.

Mas, hoje o salário mínimo é de aproximadamente 300 dólares, e o resultado é que a economia se dinamizou, distribui renda. O salário mínimo foi demonstrado, hoje, para todos os técnicos e estudiosos que é um grande instrumento de distribuição da riqueza e dinamização da economia. O Brasil pode suportar a crise de 2008, porque tinha um mercado interno mais largo, o povo estava comprando mais. O salário mínimo foi a base disso.

Mas, não conseguimos, ainda, Dilson, aprovar a lei para tornar essa valorização do salário mínimo algo perene. A cada ano o governo tem que mandar uma medida provisória para garantir que o salário mínimo continue se elevando num patamar

razoável de recuperação. Não temos ainda uma lei, não é fácil aprovar esta lei porque há resistência. Tem gente que imagina que vai chegar no governo e vai barrar essa trajetória de elevação do salário mínimo.

Estamos debatendo a situação dos aposentados na próxima semana e na terça-feira vamos votar esta matéria. A nossa Bancada, vocês sabem, sou Líder da Bancada de 50 deputados, o Bloco de Esquerda. O governo, pela primeira vez, fez uma proposta articulada por algumas centrais sindicais, a CTB não. Se estamos debatendo esse assunto no Congresso Nacional, hoje, é graças a CTB, porque foi a única Central Sindical que não assinou um acordo para reajustar o salário dos aposentados em 50% do PIB e ao não assinar, gerou todo um movimento junto com as entidades de aposentados que hoje, já está certo que este reajuste não será de 6.14. É no mínimo de 7%. Mas, nós, eu como Líder da Bancada, já assinei requerimento de emenda, dizendo o seguinte: “Não aceitamos reajuste dos aposentados que vamos votar na terça-feira menor do que 80% do PIB de 2008” Isso dá 7.7, o que ainda é pouco, mesmo com a resistência do governo. Eu imagino que não tem quem possa convencer que o governo acaba de elevar os juros no Brasil, em 0.75%. Isso parece que não faz parte da nossa realidade.

Mas essa elevaçõzinha, pequena, significa que o Brasil terá um custo, por ano, da ordem de 8 bilhões, transferindo para o sistema financeiro. E não pode dar 800 milhões para os aposentados brasileiros? Quem vai se convencer disso? Acharmos que o governo tem que ter sensibilidade e, às vezes, o governo quer fazer, mas a base, os setores, muitos empresários ou aqueles que estão imaginando que podem voltar ao poder resistem disfarçadamente.

Portanto, companheiro Álvaro Gomes, queria lhe cumprimentar pela sessão e a todos os companheiros que comparecem a esta sessão na certeza de que a reflexão que a gente faz deste 1º de maio é que o Brasil avançou, avançou muito. Construiu as condições, o terreno favorável para dar um salto muito maior. Queremos continuar avançando e não aceitar retrocesso e que este avanço só corresponderá ao interesse maior do nosso povo se os trabalhadores, se o trabalho for reconhecido, valorizado e respeitado.

Parabéns a vocês, parabéns ao 1º de maio. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queria informar a todos que esta sessão está sendo transmitida ao vivo pela TV Assembleia. Aliás, esta foi uma conquista do nosso Estado porque ela permite a transmissão dos principais eventos, as sessões plenárias, as votações, as reuniões das comissões. As pessoas podem assistir integralmente aos eventos realizados aqui. Na semana passada, ficamos aqui 32 horas ininterruptas. Foram 32 horas de transmissão ao vivo. Então, as pessoas poderão chegar às suas casas de madrugada, a qualquer horário e assistir às sessões, ver o que se passa, o projeto que foi aprovado, o que não foi, as polêmicas... Então, esse é um veículo importante. É evidente que ainda é um canal fechado, mas pode ser acessado através da Internet. Em qualquer lugar do mundo em que se tenha acesso à Internet, pode-se também assistir ao vivo às atividades da Assembleia Legislativa. A luta é para que essa TV Assembleia além da transmissão pela Internet em canal fechado seja também em

canal aberto.

Gostaria de registrar a presença de Edson, que é o representante do Sintest – Sindicato dos Técnicos das Universidades da Bahia, incluindo a Uneb, Uesb, Uesi e UEFS. É um sindicato muito importante. Gostaria de registrar também a presença de Rosa de Souza, secretária da Mulher da CTB – Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, secção Bahia.

Concedo a palavra ao secretário Nilton Vasconcelos, representando aqui o governador do Estado. (Palmas)

O Sr. NILTON VASCONCELOS:- Bom dia a todos. Meio dia e um pouquinho, mas ninguém almoçou ainda. Então, como se diz, é bom dia. Quero cumprimentar todos aqui. Vejo muitos amigos de longas datas e jornadas neste plenário assim como nesta mesa tão representativa: o Aurelino, O Balbino, o Zé Nivalto, a Graça, o deputado Álvaro Gomes, que, como disse bem o deputado Daniel, sempre toma a iniciativa de festejar aqui o 1º de Maio e que também é daqueles que vai à luta, vai às praças e está à frente das mobilizações. Gostaria ainda de cumprimentar o Adilson, da CTB, o deputado Daniel Almeida, que no Congresso Nacional igualmente tem sempre participado das lutas daqui da Bahia, inclusive apresentando projetos de lei e outras iniciativas de defesa dos interesses dos trabalhadores, como bem salientou aqui. O Jaélcio Oliveira, ambos comerciários e da luta já há muito tempo nessa batalha, e a nossa pesquisadora e escritora, Petilda Vasquez.

Esse Dia 1º de Maio, como ressaltamos nas diversas falas, é um dia histórico, é um dia que devemos sim, todos os anos lembrar, destacar os avanços que foram obtidos ao longo desse período todo. Falamos de avanços e não podemos esquecer: é muita luta e são muitas conquistas ao longo desse período. De 12h, 14h e às vezes mais horas de trabalho diárias, de jornada diária, lá no século XIX, hoje já alcançamos em média as 8 horas diárias e estamos projetando a redução dessa jornada. Isso faz parte desse esforço de socializar as conquistas que toda a sociedade, todas as áreas obtêm, sobretudo nos avanços tecnológicos, nos benefícios.

No Brasil, diria que estamos numa situação muito particular. Tivemos o nosso líder maior, presidente da República, escolhido e anunciado ontem como o líder mais influente de todo o mundo por uma prestigiada revista internacional, a *Time*, e não é à toa quando consideramos que o Brasil, nos últimos anos, sobretudo durante o governo Lula, alcançou marca de mais de 10 milhões de novos empregos formais. Se verificarmos, os Estados Unidos, de setembro de 2008 quando começou a crise internacional até hoje, já perdeu 15 milhões de empregos; a Europa, da mesma forma, já perdeu 17 milhões de empregos. Agora, há uma nova crise sendo gestada na Europa. Na Espanha, pelos índices anunciados ainda hoje, mais de 20% da população economicamente ativa está desempregada. Alguns países como a Grécia, a Irlanda, enfrentam crises que podem resultar em novos sinais de agravamento dessa crise internacional que como disse e previu o presidente Lula que seria uma marola e, de fato, não apenas veio com intensidade mais reduzida, mas também já rapidamente recuperamos a atividade econômica e se projeta 6% de crescimento para este ano.

Isso é muito bom para os trabalhadores porque, no Brasil e no mundo, quando falamos de mais conquistas para os trabalhadores, a primeira dessas conquistas é o trabalho, ainda que estejamos buscando mais tempo para o ócio, para o descanso, para

o lazer. Mas para aqueles que não têm a oportunidade de trabalho, este é o bem fundamental e, claro, as políticas públicas devem se orientar no sentido de ampliar essas vagas.

Aqui na Bahia, nos primeiros três meses do ano – janeiro, fevereiro e março-, alcançamos a marca inédita de 30 mil novos empregos, empregos de carteira assinada, além de observarmos o aumento de emprego sem carteira assinada, o que é uma ocupação de qualquer forma, ainda que não tenha qualidade.

Mas a Bahia vem se destacando nos últimos anos nesse particular. Por isso o governador Jaques Wagner foi convidado para ir à Conferência Internacional do Trabalho, em 2008, e lá houve o que se pode chamar de uma homenagem a Bahia pela iniciativa que tem de desenvolver a Agenda do Trabalho Decente. Neste mês de maio, o governo da Bahia, juntamente com 27 organizações da sociedade civil, aí incluídas as centrais sindicais dos trabalhadores, diversos segmentos representativos do setor empresarial, esta Casa Legislativa, o Tribunal de Justiça, vários órgãos do governo do Estado, o Ministério Público do Trabalho, o Ministério do Trabalho. 27 instituições ao todo organizam esta que é a Agenda Estadual do Trabalho Decente.

Começamos, na quarta-feira, uma série de conferências regionais aqui na Bahia que vai culminar com a realização nos dias 28 e 29 o mês de maio da II Conferência Estadual do Trabalho Decente. Dessa vez, diferentemente da primeira, em 2007, quando fizemos apenas, nos primeiros meses do governo, em abril de 2007, construímos a primeira conferência muito representativa, mais de 400 pessoas participando, havia um clima importante de necessidade de mudanças e participação. E aquilo deflagrou um processo que hoje nos permite realizar cinco conferências regionais e, finalmente, a conferência estadual no final do ano.

O trabalho decente é o trabalho, segundo o conceito desenvolvido pela OIT, realizado com liberdade, com segurança e saúde, com remuneração digna. É, na verdade, uma meta a ser alcançada em todo o mundo. A OIT reúne mais de 190 países, cada país em uma realidade bastante distinta da outra. O Brasil tem um quadro relativamente favorável, observarei alguns aspectos negativos adiante, mas o fato é que nós precisamos identificar quais são os que chamamos de déficit do trabalho decente, ou seja, quais são as metas a serem alcançadas para melhorar as condições de trabalho. Aqui, na Bahia, nós estabelecemos 7 prioridades, entre elas, duas destacamos sistematicamente que é erradicação do trabalho escravo e a erradicação do trabalho infantil. Duas das piores formas de manifestações de trabalho em todo o mundo, e o Brasil tem-se destacado mundialmente por essa intervenção. No que diz respeito especificamente à campanha internacional pela erradicação do trabalho infantil, o Brasil é referência e coordena, inclusive, as ações e a divulgação de como procede sua política em todo o mundo.

a Bahia, temos trabalho escravo e isso através de vários resgates desenvolvidos a partir do Ministério do Trabalho, com a participação de vários outros órgãos e sobretudo na região Oeste. Sabemos basicamente quais são aquelas áreas de trabalho, certas culturas que propiciam que o trabalhador fique isolado, sem qualquer tipo de direito trabalhista, sem condições adequadas para dormir e para se alimentar, e até mesmo sendo obrigado a adquirir os bens necessários ao trabalho e á sobrevivência daqueles que lhe dão aquela oportunidade de trabalho. Isso é o que configura

basicamente o trabalho escravo ou análogo a este tipo de trabalho, como estabelece a legislação.

O trabalho infantil também é algo que precisamos atacar e temos, nesse particular, uma ação específica com a Organização Internacional do Trabalho, na região do Semiárido. O trabalho infantil, no entanto, está longe de ser algo que esteja longe dos nossos olhos, ao contrário, nos centros urbanos, nas sinaleiras e em outros espaços que temos. É aquele trabalho que configura, na verdade, o afastamento da criança do ambiente familiar, especialmente na educação, da escola, da oportunidade de ter uma chance melhor na vida.

São as duas principais formas ou prioridades que temos atacado. Citaria mais uma, para concluir, que é a prioridade que damos ao trabalho doméstico. O trabalho doméstico responde por 7% do total da população economicamente ativa na Bahia, ainda que venha sendo reduzido gradativamente, fundamentalmente mulheres e mulheres negras, no entanto, 17% apenas dessas trabalhadoras têm carteira assinada.

Então, é prioridade ampliar a qualificação desses trabalhadores, assim como trabalhadoras em especial, bem como elevar o grau de formalização, melhorando as suas condições de vida. É assim que na Bahia temos conduzido uma política de valorização do trabalho. Espero que todos possam ter oportunidade de participar da Conferência Estadual do Trabalho Decente, que se realiza no final deste mês e, assim, contribuir para alcançar novos avanços e benefícios para todos os trabalhadores.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Antes de encerrar esta sessão especial, queria dar aqui algumas informações. Primeiro, as comissões da Assembleia Legislativa funcionam todas as terça-feiras e quarta-feiras. São reuniões regulares e reúnem-se pela manhã, abertas à população, abertas à sociedade, quem quiser participar, presenciar o que se está discutindo, pode comparecer tranquilamente ou assistir pela TV Assembleia.

Queria informar que, nesta próxima quarta-feira, está em pauta o projeto de minha autoria que acaba a tarifa-assinatura dos telefones móveis e fixos no Estado da Bahia. Essa tarifa de R\$ 41,00 é cobrada mensalmente a todas as pessoas que têm telefone.

E esta é uma luta antiga, que ainda não parou nem vai parar. Nós já apresentamos esse projeto e ele foi rejeitado. Reapresentamos. Entramos com uma ação na Justiça. Fizemos um abaixo-assinado e coletamos 115 mil assinaturas. Estamos fazendo novo abaixo-assinado.

Nesta legislatura, forçamos, pressionamos e ele foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça, que é a mais importante. Agora, na próxima quarta, há a previsão... Solicitei à presidente da comissão, deputada Ângela, a agilização, a fim de nomear o relator. Ela nomeou imediatamente o relator. Pedi ao relator que fizesse o parecer o mais rapidamente possível. Ele fez o relatório, e foi favorável. Estava previsto para ser discutido na quarta-feira passada. Porém, a sessão plenária terminou às 4 horas. Eu estava aqui, religiosamente, às 8h30min. Mas é compreensível, pois os demais parlamentares precisavam dormir e descansar. Eu também, mas consegui acordar. Mas

não houve quórum, e é compreensível, repito, compreensível.

Mas na próxima quarta-feira, tudo indica, em condições normais, se não houver nenhum problema de ordem de funcionamento da sessão, teremos aqui a reunião da Comissão de Defesa do Consumidor, onde acontecerá a votação desse projeto. A presença de todos vocês é importante, não apenas a presença das pessoas que estão aqui, mas também a presença daqueles que nos estão assistindo pela *TV Assembleia*, para que possamos, realmente, acabar ou, ao menos, dar um salto, avançar na luta pelo fim da tarifa-assinatura.

Só para vocês terem uma ideia, existem na Bahia 550 mil telefones ociosos. Isso significa que as pessoas devolveram o telefone porque não podiam pagar, e estão aí sem serem usados. São 550 mil telefones inativos e as pessoas estão precisando de telefone. Acabe-se com a tarifa-assinatura que as pessoas vão usar o telefone. Elas vão gastar aquilo que podem gastar. Se puderem gastar R\$ 10,00, elas gastam R\$ 10,00. Se puderem gastar R\$ 100,00, vão gastar R\$ 100,00. Se puderem gastar R\$ 50,00, vão gastar R\$ 50,00. Agora, o que não se pode é cobrar por um serviço que não é oferecido. Passa-se um mês sem fazer uma ligação e tem de pagar R\$ 41,00. Então, as empresas de telefonia arrecadam, aproximadamente, R\$ 80 milhões sem oferecer, efetivamente, o serviço.

Essa luta continua, e na próxima quarta-feira, quem puder comparecer, é importante. Abracem esta luta.

Vejam, para aprovar tal projeto aqui, na Assembleia Legislativa, é preciso criar as condições. Criar as condições significa a população estar presente aqui, na Assembleia. Senão, não aprova. Só se aprova se a população vier para cá. Se não vier, não se aprovará. Então, vamos criar o clima para que aprovemos esse projeto de lei.

Eu queria dar esse aviso e convidar as pessoas a participarem mais da vida da Assembleia Legislativa. seja assistindo a *TV Assembleia*, seja participando efetivamente, aqui, das sessões, acompanhando as sessões nas comissões, etc. Então, queria dar este informe.

Ao mesmo tempo, quero agradecer às presenças de Oliveira, Adilson, deputado Daniel Almeida, Bispo, companheiro Rivalton, Balbino, Graça, secretário Nilton Vasconcelos e, acima de tudo, agradecer a presença de todos vocês que aqui vieram prestigiar esta sessão, inclusive as crianças, de todos os segmentos presentes a esta sessão em comemoração ao dia de luta dos trabalhadores, apesar das dificuldades de transporte, estão aqui presentes, prestigiando, e entendem que é uma luta de todos nós, uma luta de toda a sociedade.

Portanto, em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, declaro encerrada a presente sessão.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/sessoes.cfm>. Acesse ao caminho **Atividades Parlamentares - Sessões Plenárias** e leia-as na íntegra.*